



ARTIGO

Sobre negociações etnográficas de campo:

Ensaio sobre as técnicas e métodos em universo multissituado com e ao lado das Profissionais do Sexo

Juliana Cavilha, *Faculdade Estácio Florianópolis*

RESUMO. Este ensaio traz ponderações a respeito das escolhas teórico metodológicas de uma pesquisa de campo realizada com profissionais do sexo, na região central da cidade de Florianópolis/SC. Tais escolhas compreendem destacar a importância da bibliografia utilizada para este universo multissituado ao longo do processo do trabalho de campo, colaborando de maneira objetiva, tanto na leitura interpretativa do modo de apropriação das interlocutoras nos espaços públicos, na lógica de seus percursos e caminhos numa cidade como parte de seu métier. Quanto na consolidação de um lugar social da pesquisadora entre estas interlocutoras, o que significou operar com os diversos lugares sociais que as profissionais do sexo ofereciam no interior de suas formas de sociabilidade na rua.

PALAVRAS-CHAVE: Profissionais do sexo. Metodologia. Pesquisa de campo. Cidade.



Introdução

Este ensaio traz reflexões a respeito das escolhas teórico metodológicas de uma pesquisa de campo realizada na primeira década do século XXI. A investigação ocorreu em um universo multissituado, abordando espaços urbanos diversos nos quais atuam as profissionais do sexo da região central da cidade de Florianópolis/SC.

No desenvolvimento desta pesquisa, lancei mão de uma série de técnicas e procedimentos de pesquisa, originados da tradição antropológica. A primeira delas, obviamente, foi a execução do trabalho de campo, que se desdobrou progressivamente diante de minha inserção em um conjunto de redes sociais das profissionais do sexo.

Precisamente, pelo fato de se configurar uma pesquisa etnográfica no contexto metropolitano, elencarei a seguir, alguns autores que, influenciados pelos métodos da etnologia clássica, refletiram sobre a sua utilização para o estudo das próprias sociedades. Autores que transpuseram a tradição da prática do trabalho de campo nos grandes centros urbanos e que, posteriormente, passaram a ser os expoentes da denominada Escola de Sociologia de Chicago.

Um destes expoentes como George Simmel (1976), que foi grande aliado desta pesquisa etnográfica quando traz à tona, por exemplo, o pensar na dinâmica das formas urbanas, a partir do reconhecimento das interações cotidianas e trajetórias sociais dos seus habitantes.

Nesta linha, também a autora francesa Carole Pettonet (1987, 1, 2), ao lado de, obviamente, Franz Boas¹. Em ambos os casos, tanto as pesquisas da Escola de Chicago quanto os estudos de F. Boas – em seus saberes e fazeres antropológicos nos moldes clássicos, especialmente quando transpostos para a compreensão do mundo contemporâneo, promovem uma renovação nas técnicas e nos procedimentos de pesquisa na e da cidade².

Neste caso especial também, ressalto a produção de E. Park (1976), com suas reflexões sobre a distinção moral nas regiões e feições da cidade e, claro, não poderia me furtar ao trabalho de Foote-Whyte (2005) em sua

¹ Franz Boas desde 1928, incentivava seus alunos a pensar as relações entre Etnologia e o mundo moderno, sendo por sua influência que Ruth Benedict (1946), ao longo da Segunda Grande Guerra, realizou o seu trabalho sobre a cultura japonesa no mundo contemporâneo.

² Neste ponto é possível refletir a respeito da origem a um campo disciplinar específico, no caso da matriz disciplinar da Antropologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988) – o da antropologia urbana ou das sociedades complexas (VELHO, 1999).



brilhante pesquisa de campo em Connerville, foram alguns autores que me orientam na reflexão de exercícios etnográficos em ruas, bairros e esquinas da cidade.

Vale também apontar outro autor importante da Escola de Chicago, cujos instrumentos de pesquisa influenciam tais pesquisas trata-se do americano Oscar Lewis (1963) em sua obra *Les enfants de Sanchez: Autobiographie d'une famille mexicaine*, o qual apresenta sugestões e questionamentos para uma determinada aproximação à diversidade de universos simbólicos que uma grande metrópole reúne em seu interior. Este autor nos leva a reflexões metodológicas inspiradoras quando lança mão de histórias de vida e genealogias em sua pesquisa.

Em terras brasileiras, especificamente na condução de uma proposta de etnografia junto aos estudos de mulheres profissionais do sexo em Florianópolis/SC, a inspiração para aderência a um olhar metodológico, também se organizou a partir dos estudos de G. Velho (1973, 1994, 1999,) e de seus princípios norteadores de pesquisa nas ditas sociedades complexas urbano-industriais. Ainda, as produções etnográficas de H. Silva (1993) e de M. D. Gaspar (1985) também foram mister fontes de influência pela forma como revelaram o processo de inserção durante o trabalho de campo com grupos e/ou indivíduos sujeitos a processos de discriminação e estigmatização social (GOFFMANN, 1999; BECKER, 1977), expressando em seus estudos os procedimentos éticos necessários para estabelecimento de um diálogo cultural que reúna o etnógrafo aos seus sujeitos de pesquisa, fundamental para tal experiência na cidade.

A essa linhagem de estudos etnográficos no contexto das grandes metrópoles, local em que as questões do corpo e da sexualidade ganham destaque, gostaria de acrescentar outros autores, cujos estudos das formas urbanas influenciaram o modo como conduzi a pesquisa de campo com as mulheres profissionais do sexo de rua em Florianópolis/SC, como A. Moles e E. Rohmer (1982, 7) em que na perspectiva do espaço como lugar de cotidianidade, me autorizaram a investir numa abordagem fenomenológica para a realização de uma etnografia de seus espaços de sociabilidade. Os conceitos de “micro-evento” e da cidade como “labirintos do vivido” auxiliaram no processo de cartografar os lugares onde esta profissão era exercida e na compreensão das formas de apropriação de ruas, esquinas, bancos, praças e calçadas por minhas interlocutoras.



Obviamente, tratava-se de uma inserção em campo, no qual a própria forma como me apresentava a estas mulheres exigia bons momentos de ponderação sobre o sentido dos laços sociais que procurava manter com as interlocutoras durante o período do campo, especialmente quando ainda me encontrava sob a “proteção” das instituições em que algumas delas atuavam.

Trago aqui um fragmento do diário do meu primeiro dia “oficial” em campo, nas ruas da área central de Florianópolis/SC. Era em torno das 19 horas de uma quinta-feira santa e estávamos eu, Ana (coordenadora da ONG Estrela Guia) e Kelly (voluntária dessa mesma ONG):

No caminho Ana se perguntava como me apresentaria. As três, então, fieldworkcomeçaram a dar sugestões. “Porque as gurias não gostam de pesquisadores, nem de serem entrevistadas” disse Ana, ainda complementa, com as mais próximas poderia explicar de outra maneira. “Mas, assim como todas nessa primeira vez, teríamos que pensar!”. Deixei que elas decidissem, eu queria conhecer melhor o campo... E conversando, atravessamos a praça XV, seguimos para a Conselheiro Mafra. Ana Paula e Kelly perguntaram o que eu já tinha feito, falei que tinha entrado em todas essas boates da Conselheiro na época da pesquisa. Ana disse que viu no meu projeto e queria saber o que eu tinha encontrado no centro. Expliquei o mapa e as redes, ela ficou interessada. Perguntei como elas chamam estas mulheres: se de meninas, gurias, profissionais, prostitutas ou putas. Ana fala que elas não gostam de ser chamadas de prostitutas, mas sim de profissionais. Falei pra elas daquele grupo na França que quer ser chamado de puta. Ana acha um horror, as duas na verdade. Falei então da ONG da Gabriela Leite que reivindica uma categoria de puta. Ana Paula disse que a Gabriela “fez a cabeça” de algumas e que agora anda por aí dizendo que todas querem. Mas ela não acredita que seja verdade. Para ela “Putá é palavrão e é pejorativo”. Repeti que gostaria muito que ela lesse o meu projeto pra gente trocar informações e discutir. Ela então diz que vai ler no fim de semana.

Finalmente decidiram que me apresentariam como nova voluntária da ONG, que está na faculdade, num trabalho pra tentar melhorar a vida das profissionais. Eu sugeri que talvez fosse melhor falar assim: uma nova voluntária que faz um trabalho sobre a memória das profissionais do sexo na cidade. Ana disse que seria mais difícil, porque muitas não sabem nem ler ou escrever e outras ainda não iriam entender, iriam achar que eu vou ficar fazendo perguntas sobre a vida delas. Se era assim, eu concordei... (Diário de campo, Abril de 2007).

Torna-se evidente que a entrada em campo estava sendo mediada por outras profissionais do sexo e com suas colegas de trabalho, a partir de sua inserção na ONG que, a par de minhas intenções de pesquisa, procuravam traduzir minha identidade social para suas pares, freando



minhas expectativas iniciais de autonomia e liberdade no interior da rede social na qual atuavam. Para esta ONG, eu era uma pesquisadora, cujos objetivos estavam claros e delineados. Mas para aquelas, com as quais atuavam e que me esforçava por travar contato, eu deveria ocupar um lugar, segundo elas, de preferência, de fácil acesso semântico. No que tange ao encontro de perspectivas (o meu e o das investigadas) este fato representou meu processo de conversão “ao campo”

Momento crucial do campo, uma vez que afastava-me da conduta característica dos interacionistas, como Foote-Whyte (2005) e Goffman (1999), que em suas pesquisas procuram se disfarçar de “nativo”, até certo ponto fingindo integrar-se a cena social etnografada, não deixando claro seus reais interesses, para explorar uma situação dúbia que, muitas vezes, o campo pode nos impor inicialmente, mas contra a qual, posteriormente, procurei me contrapor, visto que atualmente convivemos com a preocupação ética em relação aos direitos dos sujeitos de pesquisa, e ainda mais atentos a legitimidade e relações que são estabelecidas em campo.

Dessa maneira que ciente de toda a complexidade que envolve a ação dos antropólogos em suas pesquisas de campo no contexto das sociedades, esta cena inicial de pesquisa me alertava para as medidas necessárias que deveria adotar para “verdadeiramente”, me colocar em campo³.

No meu caso específico, era evidente que as 'nativos' com quem estava entrando em contato eram mulheres, em sua maioria, cientes de seus direitos, principalmente, pela forma como o trabalho das ONG's no contexto urbano de Florianópolis/SC transcorria no sentido de aproveitar todas as oportunidades de informar às profissionais do sexo atuantes na região metropolitana seus direitos e deveres enquanto cidadãs⁴.

Desse modo, ancorada na bibliografia acima apresentada, fui aos poucos, sendo apresentada a várias redes de mulheres que trabalhavam como prostitutas na capital, sempre preocupada na adoção de um lugar

³ Neste caso, a leitura de publicações recentes da Associação Brasileira de Antropologia, tais como, *Direitos Humanos: temas e perspectivas* de Novaes (Org.) (2001), *Antropologia e direitos humanos 2* de Kant de Lima (org) (2001), *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades e Políticas dos antropólogos* de Gláucia Silva (2008), *Antropologia e Direitos Humanos 4* de Grossi, Heilborn e Machado (orgs.) (2006), *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre família, gênero e sexualidade* de Grossi & Schwade (2006), foram, neste particular, fundamentais para instruir a forma como iria proceder esta entrada em campo.

⁴ Nesse contexto, é possível afirmar que o 'braço' do Estado chega de certa forma até essas mulheres. Por essa constatação compreende-se uma visibilidade na medida em que existe a inclusão da atividade da profissional do sexo na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações).



que passava a desempenhar junto às ONG's⁵, apostando que a performance de um papel social, se bem conduzido, me levaria a uma troca social de experiências com as interlocutoras, até o momento de poder me desvincular desses laços, para, finalmente, ocupar outro espaço em suas vidas.

Se por um lado, na relação com ONG's, esta situação parecia resolver meus dramas ético-morais, por outro, cada vez mais se colocava como fato a urgência de ultrapassar tal papel. A forma como construía o meu lugar entre as mulheres da rua, mesmo sabendo que mais pessoas vindas de outras instituições e com ações sociais diferentes circulavam por ali, me envolvia numa ainda mais nebulosa estrutura de relações, que encadeavam intrigas, tramas, desacordos e rancores.

Refiro-me aqui, especificamente, às categorias de prestígio na prostituição que acontece na rua e com a qual tive que esgrimir, para adentrar ao campo, as quais envolviam minhas aprendizagens em saber lidar com as interlocutoras. Tais aprendizagens percorrem várias cenas e situações sociais, desde as questões geracionais, de antiguidade no ponto, passando pela clientela (maior, mas especialmente a fixa), até a discricção, asseio pessoal, uso de drogas, ter ou não a figura do cafetão e, claro, a empatia pela colega, uma vez que é importante que a pesquisadora tenha a clareza de que é também submetida à apreciação das redes sociais segundo, por exemplo, a distinção eletiva do pertencimento, a este ou aquele espaço na cidade.

Neste caso, a máxima “me digas com quem andas que te direi quem és” poderia ter sido adaptada aos processos de negociação de entrada em campo ao “me diga de que lugar és, que te direi quem és”.

Este passo – ou melhor, caminho – de reconhecimento das intrigas das ruas significou uma cautela de minha parte nos contatos com as interlocutoras no interior de suas redes sociais. Passadas algumas semanas de meu trabalho de campo, a partir dos contatos com ONG's, comecei a esboçar uma estratégia de permanência ali nas redes, o que acabou por manifestar as feições singulares das formas sociais que eram tecidas no seu interior e que acabavam possibilitando reconhecer a tonalidade singular de cada uma delas no interior de seus espaços de sociabilidade.

⁵ A minha contrapartida às ONG's por este processo seria o retorno de minha pesquisa acadêmica. Nestes termos assim ajustados, iniciamos nosso diálogo e parceria.



Nesse aspecto, pensando na forma de se situar no trabalho de campo de Oscar Lewis (1963) declara não ter lançado mão de nenhuma “arma secreta para obter os dados mais íntimos de seus interlocutores” e que apenas se valeu dos instrumentos mais eficazes da Antropologia que são “a simpatia e a compaixão por aqueles que estudamos” (1963, 24), optei por este lugar e tentei me afastar de um interesse meramente profissional pelas profissionais do sexo, na tentativa franca de estabelecer com elas, no interior de suas redes sociais, laços de parceria que pudessem ir além da produção dos dados etnográficos.

Sem dúvida, reconheço que este é um dos riscos a que toda a antropóloga está submetida quando experimenta uma ferramenta em campo que compreende uma intensa aproximação com seus sujeitos de pesquisa. Refiro-me aqui, em particular, a adesão aos estudos de narrativas biográficas, cuja razão de ser reside neste ‘estar perto’ dos nossos interlocutores e de seus dramas, compartilhando seus sonhos e desilusões, suas lembranças e esquecimentos, seus conflitos.

Além da adesão as Narrativas Biográficas, lancei mão intensamente da observação participante, ao lado, claro, da etnografia de rua, que fez com que, cotidianamente, eu dividisse com as profissionais do sexo sua experiência de trabalho na rua. Cautelosamente, refletindo após o campo, creio que este aspecto tornou difícil, em determinados momentos da pesquisa, manter uma atitude de distanciamento, ou até mesmo, de um não-envolvimento pelo sofrimento de suas condições de vulnerabilidade e risco, situação de pesquisa pouco explorada e igualmente pouco resolvida nos textos antropológicos.

De fato, este é um ponto crucial, especialmente quando se trata de um campo em que as pessoas envolvidas possuem recursos materiais tão escassos e vulneráveis, as quais apresentam dificuldades que exigem da pesquisadora serenidade para que não se transforme num ‘militante’, em particular nos momentos difíceis pelos quais passam as prostitutas das ruas da cidade na sua labuta cotidiana.

Assim, romper o silêncio sobre certas situações sociais discriminadoras e discriminantes, com base na construção de laços de solidariedade e confiança, não foi apenas uma etapa de minha pesquisa. Era preciso atravessar as barreiras sociais e culturais que nos separavam, para restituir nossas diferenças no interior de outras formas de troca social e de diálogo cultural.



Como havia transcorrido com a antropóloga francesa, Jeanne Favret Saada (1981), o campo “chegou” até a mim às avessas. Aprendia o sentido do trabalho da prostituta numa grande cidade, não só nas fronteiras culturais que separavam da forma como as interlocutoras viviam a cidade, em suas condições de sexo e de gênero, mas naquilo que podia fazer, na situação de rua, passar por elas. Em outra condição, se perguntada diretamente sobre seu trabalho nas ruas, seus itinerários e percursos, apenas ouvia comentários e respostas que negociavam com clichês sobre a figura da prostituta.

Uma situação que, recorrentemente, me fazia lembrar a experiência acima citada, quando Saada (1981), ao investigar a bruxaria no interior da França, em meados de 1969, escutava das pessoas que a crença havia desaparecido há bastante tempo. Entretanto, a partir de acontecimentos desagradáveis em sua vida pessoal (desde doenças na família, até carro com problemas mecânicos), “lidos” pela comunidade como sinal de feitiçaria, é que ela definitivamente vai se colocar “em campo”. Após o diagnóstico de “enfeitiçada”, o universo da bruxaria revela-se, e ela se torna uma pertença à comunidade, sendo a ela atribuída, inclusive, a capacidade reconhecida de desfazer encantos.

Semelhante ao que ocorrera com a atitude de O. Lewis (1963) em seu trabalho de campo, foi a presença de Favret-Saada (1981) como corpo estranho fragilizado diante da comunidade pesquisada que a conduziu ao interior do fenômeno que ela investigava. Um e outro não procuravam disfarçar suas diferenças diante dos seus interlocutores de pesquisa, fato que os levou a serem “contaminados” pelo próprio fenômeno que desejavam compreender. Ambos tornaram-se, de certo modo, perigosamente próximos aos investigados, ao mergulhar no universo de sentidos de seus sujeitos de pesquisa.

Minha entrada livre e autônoma em campo transcorreu, portanto, mais próxima daquela vivida por ambos os autores, ao daquela vivida por Foote-Whyte (2005), em seus esforços fracassados no sentido de comportar-se – mas, sobretudo, de parecer – um ‘rapaz da esquina’, na ilusão de integrar-se totalmente ao grupo⁶.

O que buscava, finalmente, era deixar-me afetar pelo campo, do melhor e do pior que ele poderia me oferecer. Evidentemente que essa

⁶ Minha intenção, ao separar-me das ações das ONG's junto às redes sociais das profissionais do sexo foi a de encontrar um lugar entre elas e com elas, não exatamente o lugar do outro, visto que este nunca será meu pela própria tarefa de investigar.



situação dependia da competência em aceitar este outro diferente de mim, assim como, aceitá-lo em mim. Não aderi ao trabalho da prostituição em minha pesquisa de campo, mas fui lentamente afetada pelas experiências de campo compartilhada nas ruas, esquinas e calçadas com minhas interlocutoras.

Nos termos de Marisa Peirano (1995), fui, silenciosamente, abordada pelo acaso desta prática de estar na rua sobre a qual pensava ter o controle. Sem disfarçar meu lugar de etnógrafa neófito no ramo dos estudos de prostituição, fui, inúmeras vezes, colocada (ou me coloquei), ‘quase sem querer’, no universo de risco das minhas interlocutoras. Sendo que um “acaso” (IDEM, 1995) abriu a possibilidade de uma interpretação dos seus relatos de vida desde outro lugar, redimensionando, com isso, as fronteiras simbólicas e as regiões morais (PARK, 1976) da prática da prostituição no centro da cidade.

Assim, numa tentativa de compreensão deste terreno urbano *movediço* R.P. Leite (2004) e sorrateiro, minha entrada iniciática no “feitiço do campo” deu-se à calada em uma das saídas de campo, durante uma conversa com Denise, que se prostitui numa rua mais tranqüila (Conselheiro Mafra), nas proximidades do centro, diferente do excesso de ruídos de ruas próximas ao Largo da Alfândega e aceitando, sem problemas, a presença do gravador para registro de nossas conversas ali mesmo na rua:

D: (...) É, daí eu vim aqui, outra me botou na quadra e falou pra elas que eu tinha que ficar aqui e tô até hoje aqui

J: E tu ficas aqui? Se alguém também quiser vir aqui tem que pedir pra ti?

D: é...

J: Agora tu que é a dona da quadra?

D: Aqui é meu ponto né... aqui não fica mais mulher nenhuma, a não ser as que já tão aqui. Mas agora eu to precisando de mais mulher pra bota aí... Tu sabe? Tu que anda por aí? Não? depois eu falo contigo sobre isso...

J: tá... Porque, tá precisando?

D: Porque se tiver?... mas depois eu te falo....

J: Pode falar....

D: Porque o movimento assim fica ruim agora pra gente que não tem muita mulher, e se tiver mais mulher aqui na quadra - só tamo com três - se tiver mais guria aqui no ponto chama mais homem....

J: Mas, já teve mais mulher aqui, né?



D: Já, já teve muita, muita... Mas acabaram, muitas casaram, outras morreram, outras arrumaram homem, saíram, outras foram trabalhar. Porque a prostituição já não dá mais dinheiro como antes, né? Eu vou ficar aqui mais uns três aninhos, mas depois também já.... já vou sair fora. Não quero envelhecer aqui na Conselheiro...

(Diário de campo, Junho de 2007)

Neste diálogo, Denise evita deixar-se gravar quando dizia estar “precisando de mulher”, preferindo abordar comigo apenas as “questões do dia”, reservando para o término da entrevista e, por conseguinte da gravação, o seu pedido / desabafo. Nesse momento, ao “acaso”, me descobri pensando que, como mais uma mulher no “ponto”, eu poderia tornar o ambiente mais desejável, assim como poderia, por outras vias, ajudá-la a incrementar os fregueses, arrumando “umas mulheres” para ela, no exercício da condição de cafetina.

Em inúmeras situações públicas, me deixei jogar o jogo destas formas sociais, a da cafetina/pesquisadora e seu cortejo de mulheres. Obviamente uma situação de risco que me foi proposta pelo “estar ali” entre essas interlocutoras, e, que poderia ter recuado e recusado a oferta, mas aceitei no interior dos jogos que se passam na rua. Ao aceitar a provocação, fui introduzida nas regras de manutenção das formas do social no interior das redes sociais das profissionais do sexo que pesquisava.

Assim, em determinado dia de minha pesquisa de campo, no Largo da Alfândega, estava em conversas com Betina, que reclamava do movimento que “ali estava fraco e tal”. Aproveitei e sugeri que procurasse Denise na Conselheiro, pois “*ela havia me falado que lá precisavam de mulher*”. Inclusive, recomendei a ela que dissesse que tinha *falado comigo*. Na ocasião, me vi numa teia consciente com a situação vivida por Betina, me envolvendo na busca de soluções para seus problemas com clientes e fregueses, ingenuamente, sem saber exatamente quais seriam as consequências no interior das disputas das redes sociais de ambas.

Enfrentava uma suspeita a respeito de um valor agregado a alguns dos seus espaços pela frequência de profissionais do sexo aos seus territórios, se confirmaria em outros episódios presenciados especialmente após este futuro conflito que a leitora perseguirá a seguir.

Não, sem antes percorrer com Simmel (2003), que descreve que o conflito é fundante do social, e foi esta a descoberta que transcorreu em campo. Ao contrário do que normalmente se pensa, de que a descoberta



do social transcorre durante o perfeito funcionamento das normas sociais e das regras institucionais, a aprendizagem dos padrões de conduta, dos códigos éticos-morais, dos sistemas de práticas e das visões de mundo de minhas interlocutoras, as quais sempre transcorriam, para mim, na condição de etnógrafa, em situações-limite, onde o conflito era presente, ou seja, o conflito se materializa enquanto uma dinâmica daquelas sujeitas sociais e na composição de suas redes.

Explico melhor, os conflitos eram vividos entre as redes sociais das profissionais do sexo pela disputa por determinados espaços, entre elas e seus clientes ou fregueses; entre elas e os sistemas de controle social; entre elas e eu, e obviamente, o pior de todos os conflitos, eu comigo mesma. Portanto, era por meio da dimensão conflitante que passei, com elas, a redesenhar a cidade sob outra ordem, a do trabalho das profissionais do sexo, que eu não teria visualizado sem o meu envolvimento neste conflito.

Apresento aqui um fragmento do diário de campo que representa parte deste processo de consolidação do conflito. A situação descrita acompanha o extrato de meus escritos já apresentados anteriormente.

A cena social engatilhada com Denise perdurou silenciosa por pouco tempo. Mais adiante, motivada por algumas perguntas minhas, ela volta a me falar de mais outra “semana de questões”. Ao final da entrevista, provoco-a quanto à questão do movimento e das mulheres que ela desejava para aquecer o ponto, e me surpreendo com a resposta. Denise explica que o ‘movimento dali’ estava muito fraco. Eu pergunto se ainda não conseguiu nenhuma mulher. Ela então fala que umas ‘mulheres da Alfândega’ foram até lá, mas ela não quer ‘mulher da Alfândega’ ali. “Porque o preço delas lá é muito baixo!” E continua: “Lá, elas cobram muito barato!” Ia baixar o preço dela. E justifica que as mulheres de lá eram manjadas, ela queria mulher mais jovem, pra chamar freguesia. Depois fiquei pensando na Betina que não me falou que foi falar com a Denise. Nem que falou pra outras mulheres. Será que me envolvi em confusão? Pode ser... Hoje falei com a Betina e ela me pediu dinheiro emprestado para almoçar. Dei o dinheiro e não lembrei de perguntar. Vou fazer isso amanhã... (Diário de campo, Julho de 2007).

No dia seguinte às minhas anotações de campo, retorno às ruas, encontro Betina no largo da Alfândega, na fronteira com a rua Conselheiro Mafra, numa área de maior movimento da cidade, e pergunto se ela havia falado com Denise. Ela responde afirmativamente, confirmando o que Denise me falara, de que “elas não gostam de mulheres da Alfândega lá!” Diante de sua resposta, comentei com ela da minha surpresa pela



existência dessas hierarquias no interior dos espaços urbanos onde trabalham, e ela me confessa que, ela própria, desconhecia o fato.

Na ocasião, temi perder Betina como uma de minhas interlocutoras, devido a esta minha intervenção desajeitada no interior das redes que atuam no centro da cidade, fato que não se confirmou.

Entretanto, ficara sem saber quem eram as mulheres que teriam ido conversar com Denise na rua Conselheiro Mafra, pois a este assunto se seguiram outros e o tempo foi passando, o tempo, ‘senhor do campo’, ajeitou o caso.

A esta situação, seguiram-se outras, mas fundamental para meu posicionamento em campo, ainda que tenha me colocado em situação de vulnerabilidade e de risco em muitos desses momentos. Isso representa a presença de um código ético-moral entre as profissionais do sexo e suas redes pelo controle de certos territórios no seu trabalho.

Ainda, as situações de conflito vivida entre elas, me colocava no interior da vida cotidiana do grupo, facilitada pelo fato de ser mulher, de outra classe social, (potencialmente, disponível para o trabalho), de sair e entrar nas redes sociais (gerando muitas vezes suspeitas entre elas) além estar aqui e lá fazendo perguntas. Estava sempre por ali conversando e querendo saber de suas vidas.

Desse modo, uma das reflexões que me permito fazer é a de que o fazer etnográfico se tornava um exercício de operar com o conflito enquanto um espaço de negociação de identidades sociais. Isso fica evidente na sequência de fatos que foram desencadeados desde o conflito que relatei acima e que acreditava ter sido eu, a etnógrafa, o motivo de todo o drama que se desenrolou a seguir.

Continuando o drama, mais tarde, ainda naquela manhã em que haviam transcorrido as minhas confusões envolvendo Betina e Denise, e suas redes sociais em disputa por territórios de “batalha”, encontrei Zeila que me avisa: “umas mulheres querem te pegar”. Para deixar claro que não estava brincando comigo e que as ameaças deveriam ser levadas a sério, passa a exemplificar o código ético-moral que criavam regiões morais no interior das redes de prostituição, na área central de Florianópolis/SC, com os relatos detalhados de uma série de eventos violentos que haviam acontecido por ali, envolvendo *outsiders* e estabelecidos (ELIAS & SCOTSON, 2000).



Assustada, procuro manter a calma (hoje me indago se por acaso consegui dissimular minhas preocupações) e ouço atentamente o relato, precioso em detalhes, na tentativa de responder às ameaças (afinal, porque Zeila havia me contado?). Teria ela contato direto com estas mulheres? Estaria ela me passando um recado? Se a resposta fosse positiva, ela poderia retornar a elas com uma resposta minha? Assim, na época, ensaiei uma resposta na tentativa de sair ilesa da situação. Estando as duas ali, sentadas num dos bancos da Alfândega, abordo o tema de minha pesquisa como argumento para permanecer ali e nada temer em termos de represálias ou retaliações. Ela, aparentemente, compreende meu lugar, mas, mesmo após minha insistência, não disse quem “ali queria me pegar”, e manda que eu sente em outro lugar - mais adiante, aponta, “não ali onde se faz programa”. Eu obedeço e passo a me sentar sempre naquele lugar indicado por Zeila.

Esta situação de conflito me permitiu estreitar os laços com outra das redes sociais na região e aproveito, mais tarde, para falar com Denise sobre este assunto, para conhecer mais as razões de ordem prática e simbólica de tais disputas de territórios que organizam as redes sociais em determinados espaços, segundo critérios hierárquicos no interior do próprio trabalho que elas realizam nas ruas:

Encontrei Denise e falei da história das mulheres da Alfândega que ‘queriam me pegar’. Ela falou o seguinte: “São mulheres de favela, de morro, sem classe. Não sei como é que você vai lá, elas não valem nada, por isso que não quero nenhuma delas por aqui... o programa delas é de cinco reais. E a Nádia”, retrucou. “A Nádia é uma mentirosa, não acredite em nada do que ela diz. Eu soube que ela andou falando mal da gente aqui pros clientes. Eu vou começar a espalhar que ela tem HIV, ela vai ver só. Por isso que eu não quero mulher da Alfândega aqui, elas não têm classe, arrumam briga! Eu dou um pau nelas se elas aparecerem aqui!!!” Em seguida Denise diz que eu deveria ficar ali e não mais falar com “elas” da Alfândega. Vou esperar a situação se acalmar, pois pretendo continuar a frequentar ambos os lugares, agora com mais cautela, ocupando espaço, como recomendado por Zeila no canto da Alfândega.” (Diário de campo, Julho de 2007).

Aos poucos, por meio destas experiências de conflito com as interlocutoras e delas entre si, envolvendo suas práticas sociais, seus sistemas de valores, seus padrões de conduta, seus códigos ético-morais quanto à profissão de “prostituta”, começaram a aparecer questionamentos, sempre intimamente associados aos seus espaços de labuta.



Tais conflitos foram me remetendo às evidências de diferenças internas no interior de meu universo de pesquisa, gerando, entre as profissionais do sexo e seus espaços de sociabilidade, classificações internas quanto ao status, ao prestígio social e ao poder que estas redes detêm umas em relação às outras e por meio das quais se apropriam dos espaços da cidade, segundo certos itinerários.

É óbvio que, o tema do conflito como fundamento instaurador de minha aceitação em campo e a atitude de cautela em campo ao lidar com as disputas no interior das redes sociais de minhas interlocutoras, se colocou de forma mais aguda após minhas tentativas de abandonar o apadrinhamento das duas ONG's.

Minha presença entre as profissionais do sexo despertava inúmeras perguntas entre elas. Eu era, de fato, uma figura ambígua. As mulheres me viam circulando ora na companhia da representante de uma ONG, ora me encontravam na sede de outra. Em distintas situações de campo, me dava conta de que era alvo do olhar atento e discreto, quando conversava com uma ou outra garota na rua, ou mesmo solitária sentada nos bancos do Largo da Alfândega, observando o movimento de longe, ou ainda, quando caminhava pelas ruas.

Retorno à expressão de Jeanne Favret Saada (1981), sendo 'afetada pelo campo', pelo fato de ter sido, de certa maneira, 'poluída' pela rua. O conflito vivido com as mulheres da Alfândega deslocou-me, finalmente, para um outro lugar. Afinal, não era mais apenas uma passante. Os inúmeros conflitos vividos no momento de minha adesão ao campo foram, certamente, uma chave de entrada na experiência cotidiana da "batalha" que as profissionais do sexo realizam nas esquinas, ruas e praças de uma metrópole e permitiram-me adentrar as teias de significados (GEERTZ, 1989) de suas práticas culturais.

Por outro lado, o conflito, assim como sustenta G. Simmel (2003) se consolidou como fundamento de socialidade, especialmente após a narrativa de Zeila sobre a violência declarada ali naquele espaço. Finalmente, o conflito tornou-se para mim uma moeda de troca na luta pela sobrevivência naquele espaço.

Sem dúvida, é inegável que, a labuta diária e a batalha da profissão na rua fazem com que as prostitutas, em contraste com o estereótipo da figura moral da dona de casa, da mãe, da virgem, da santa e da jovem bem-comportada na sociedade brasileira em suas origens mediterrâneas (DA MATTA, 1997; ARAGÃO, 1983; ABREU, 1983) sejam classificadas como



marginais, mulheres temidas por seu poder de destruição de lares e da moral familiar, devido à idéia de que, em algum momento de suas trajetórias, tenham sido empoderados pelo contato com o perigo da rua.

Nesse sentido, refletindo sobre esta experiência de campo, compartilho dos comentários de M. Douglas (1966, 120), quando argumenta que: “ter estado nas margens é ter estado em contato com o perigo, é ter ido à fonte de poder”. Da mesma forma, fui afetada por este perigo e, talvez, por isso, fortalecida no interior destas redes sociais que trabalham na rua e de onde garantem o seu sustento.

Ainda, os dilemas relatados por Foote-Whyte (2005) em sua obra, ora aderindo aos dramas vividos por seus interlocutores, ora se distanciando deles, numa clara não adesão aos conflitos internos às redes sociais investigadas, me ensinaram sobre importância da etnógrafa, em campo, negociar sua identidade de pesquisadora em situação de trabalho de campo, assim como, a importância de avaliar os riscos, os dramas e neste caso, o conflito, tanto de sua admissão quanto exclusão, nas redes sociais por ele pesquisadas. Situações singulares que me ensinaram e, por vezes, decisivas para a minha permanência nas redes, e, por consequência, da continuidade da pesquisa.

É preciso também destacar a importância da bibliografia considerada para este campo, uma vez que foi definitivo no modo de interpretar e mesmo apropriar a acomodação das interlocutoras nos espaços públicos, considerando, obviamente, a lógica de seus percursos e as formas de traçar seus caminhos numa cidade como uma parte importante para a condução de seu métier.

E, encerrando tais considerações, creio ser importante ressaltar que a consolidação de um lugar social entre as sujeitas de campo significou operar com os diversos lugares que elas me ofereciam no interior de suas formas de sociabilidade na rua. Ocupei esquinas e ruas, sentei em certos lugares da praça, andei por determinados percursos de rua, observei as ruas, as quadras, acompanhei o *trottoir*, visitei os hotéis de passagens, fizemos refeições, conversamos, no entanto, a cena do conflito foi fundante para compreensão ritual ao meu universo de pesquisa, mais ainda, como uma forma articulada de que dispunham para me situar no interior de suas práticas profissionais e, desde este lugar (do conflito), observar, interagir e partilhar com e ao lado delas.



Referências

ABREU FILHO, Ovídio de. **Dona Beija: Análise de um mito**: In: FRANCHETTO, B. et all. *Perspectivas antropológicas da mulher*, número 3, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1983.

ARAGÃO, Luiz Tarlei de. **Em nome da mãe: posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira**. In: FRANCHETTO, B. et all. *Perspectivas antropológicas da mulher*, número 3, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1983.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v.15, n.3, dez. 2007. disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?acessos> em 22 ago.2009.

BECKER, Howard S. **Uma teoria da ação social**. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1977.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo: Perspectiva [1972] 1946, 277 p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Brasília, CNPq. 1988.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

PARK, R. **A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: *O fenômeno urbano*. VELHO, O. (ORG.). Zahar Editores, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1976.

FOOTE WHYTE, Willian. **Sociedade de Esquina**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.



FAVRET-SAADA, Jeanne; CONTRERAS. Corps pour Corps: enquête sur la sorcellerie dans le Bocage. Paris. Gallimard, 1981.

GASPAR, Maria Dulce. Garotas de Programa – prostituição em Copacabana e Identidade Social. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. LTC, Rio de Janeiro, 1989.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 4 edição, 1982.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos da cidade: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas, SP: Editora da UNICAMP: Aracaju, SE, Editora UFS, 2004.

LEWIS, Oscar. Les enfants de Sanchez: Autobiographie d'une famille mexicaine. Éditions Gallimard, 1963.

MOLES, Abraham; ROHMER, Elisabeth. Labyrinthus du vécu: L'espace: matière d'actions. Paris. Librairie des Méridiens. 1982

PEIRANO, Marisa. A favor da etnografia. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

PÉTONNET, Colette; GUTWIRTH, Jacques. Chemins de la Ville: Enquêtes ethnologiques. Paris, Editions du CTHS, 1987.

SILVA, Hélio R. S. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993. 176p.



SIMMEL, G. **Comment les formes sociales se maintiennent.** Mémoire publié en français dans *l'Année sociologique*, première année, 1896-1897, pp. 71-109

_____ **Le conflit.** Éditions Circe, Paris, 2003.

VELHO, G. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 5^a edição, 1999.

_____ **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____ **A Utopia Urbana: um estudo de Antropologia Social.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.



About ethnographic field negotiations: Essay on techniques and methods in a multi-sited universe with and alongside Sex Workers

ABSTRACT: This essay brings considerations regarding the theoretical and methodological choices of a field research carried out with sex workers, in the central region of the city of Florianópolis/SC. Such choices include highlighting the importance of the bibliography used for this multi-sited universe throughout the fieldwork process, collaborating in an objective manner, both in the interpretative reading of the interlocutors' mode of appropriation in public spaces, in the logic of their routes and paths in a city as part of your métier. As for consolidating the researcher's social place among these interlocutors, which meant operating with the different social places that sex workers offered within their forms of sociability on the street.

KEYWORDS: Sex workers. Methodology. Fieldwork. City.

Juliana CAVILHA

Pós-doutora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas na UFSC (2015-2016). Foi Visiting Scholar na Universidade de Wisconsin/UW em Madison/USA (2015). Pós-doutora no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na UFRGS (2010-2012). Doutora em Antropologia Social na UFSC (2010), com estágio sanduíche na Ècole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) em Paris, França. Mestre em Antropologia Social na UFSC. Atua principalmente nos seguintes temas: Espaços urbanos e territórios; Gênero e Sexualidade; Trabalho e Ética; Cidade e Meio Ambiente; Políticas Públicas e Educação; Métodos e Técnicas de Pesquisa qualitativa e quantitativa. Professora da Estácio Florianópolis. É professora-tutora no Centro Universitário Estácio de Sá de Santa Catarina. Foi coordenadora de Pesquisa, Extensão e Internacionalização da Faculdade Estácio Florianópolis/SC, atualmente é coordenadora da CPA do Centro Universitário de Santa Catarina e da CPA da Faculdade Estácio Florianópolis. Coordenadora dos cursos EAD: Sociologia, Filosofia, Ciências Sociais, Ciência política, Teologia. Sócia efetiva da Associação Brasileira de Antropologia. Presidente da ONG Abacateiro Instituto de Pesquisa e Formação.

E-mail: julianacavilha@gmail.com



Recebido em: 14/12/2023

Aprovado em: 03/06/2024